



GALERIA
OUTRORA



Michele Augusto
Lápis de cor e aquarela

O carnaval carioca através de uma linha do tempo online para o ensino da história (do século XIX até os dias atuais)

○ — ■ ■ — ○
The carioca carnival through an online timeline for teaching
history (from 19th century to nowadays)

Rayane de Castro Guedes, UFRJ¹

Diana Jane Barbosa da Silva, UFRJ²

Gabriel Pereira de Carvalho, UFRJ³

Lívia Martins Teixeira Loyo, UFRJ⁴

1 Área da sua atuação acadêmica: História e audiovisual; História da América
2 Área da sua atuação acadêmica: História e audiovisual; História da América
3 Área da sua atuação acadêmica: História e audiovisual; História da América
4 Área da sua atuação acadêmica: História e audiovisual; História da América

Resumo: O presente artigo foi resultado de uma atividade da disciplina de Didática 2 em licenciatura de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ou seja, um trabalho de conclusão de disciplina. Nessa atividade houve dois momentos: a criação de uma proposta de “*linha do tempo interativa*” e a elaboração de um artigo sobre a primeira parte da atividade, este trata como foi feita todas as etapas da proposta, expondo os métodos e caminhos percorridos. Nisto procurou-se ampliar a discussão acerca da História Local e sua aplicação na temática do Carnaval no Rio de Janeiro, tema escolhido para a linha do tempo. O enfoque desse artigo foi nos possíveis usos e ferramentas didáticas digitais e suas dificuldades na prática docente no ensino fundamental.

Palavras-chave:

Carnaval, História Local, linha do tempo.

Abstract: This article was the result of activity in Didactic 2 a degree in History from Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), then a final work. There was two moments: the creation of “*interactive timeline*” and writing an article about this first step, then it is about how all steps of this subject was made, reporting the methods and ways that it was made. In this case to try broaden the discussion of Local History and its application in the theme Carnival in Rio de Janeiro, theme that was chosen for time line. The focus of this paper is the possible uses and digital teaching tools and their difficulties in teaching practice in elementary school.

Keywords:

Carnival, Local History, timeline.

1. O que foi a linha do tempo interativa?

A linha do tempo foi “construída” como parte das atividades da disciplina Didática Especial em História 2, no âmbito das discussões sobre a criação de material didático, ou seja, a “linha do tempo” aqui pode ser entendida como um experimento de criar um material didático não convencional, isto é, pronto e acabado, que poderia ser pensado para ser interativo. Aqui, o conceito de interatividade não está sendo entendido como o simples acesso ao *site* ou um ambiente virtual, com suas funções e navegações, mas sim as possibilidades que os criadores desta “linha do tempo do tempo” tem de formar lacunas de tempo para que os alunos virtuais as completem em suas atividades, sendo assim uma sugestão de atividade, porém não completa nem fechada.

2. Qual as etapas de criação?

A criação foi um trabalho em grupo, com dois grandes momentos:

2.1) Elaborar uma linha do tempo com base em textos de François Hartog⁵ e Carmen Gabriel⁶

2.2) Escrever um artigo sobre a linha do tempo como trabalho final da disciplina.

Primeiro momento:

A) Tema: A ideia do tema sobre o carnaval do Rio de Janeiro se originou na disciplina História do Brasil III e neste trabalho ampliou-se em uma pesquisa por mais fontes audiovisuais.

B) Plataforma: Foi decidido que a linha do tempo seria disponibilizada em um site que permitisse a organização de diversas datas em uma determinada sequência. Houve buscas e levantamento de *sites* disponíveis naquele momento, sob os qual será descrito mais à frente.

C) Coletar materiais que estarão disponíveis ao público: foi organizada a sequência do material, com fotos e ilustrações com suas legendas e referências; pequenos textos com algumas explicações para situar o leitor no recorte temporal escolhido (a partir do XIX com lacunas até o século XXI, essas lacunas de tempo foram colocadas com o objetivo de serem futuramente preenchidas por alunos virtuais).⁷

D) Público alvo: A linha do tempo teria como público alvo os alunos do Ensino Fundamental, que poderiam participar trazendo mais materiais e acontecimentos para o *site* que estaria a linha do tempo. Esse público foi escolhido por ser uma atividade que usaria imagens e músicas, despertando mais interesse a eles. Houve uma preocupação em tornar a escrita menos acadêmica e mais simples, em não analisar completamente cada imagem além da legenda e descrição, para permitir que fosse possível seu uso pelo professor e

5 HARTOG, François. Prefácio – presentismo pleno ou padrão? In: Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

6 TURAZZI, M. Inez e GABRIEL, Carmen Teresa. O fio e a trama: os tempos da História. In: TURAZZI, M. Inez e GABRIEL, Carmen Teresa. O tempo e a História. São Paulo: Ed. Moderna, 2000, p. 34-64

7 Para ver o produto final indicamos a visita na nossa linha do tempo originalmente no domínio [hstry](https://www.hstry.co/timelines/carnaval) <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> acesso em 3/2016 e atualmente em: <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 29/09/2018

estudantes e que os mesmos percebessem a cultura material por trás do evento Carnaval com as fotos de diversas datas na *internet*. Contudo, não houve a pretensão de colocar todas as fotos disponibilizadas nem todos os fatos e datas relacionadas ao Carnaval, o grupo que elaborou o trabalho tem o conhecimento que faltaram muitas datas referentes a épocas consideráveis de produção da própria História do Samba e seus subgêneros, mas a ideia foi deixar essas lacunas para contribuições e reflexões coletivas, tornando a linha do tempo uma construção em conjunto.

3. Como ficou?

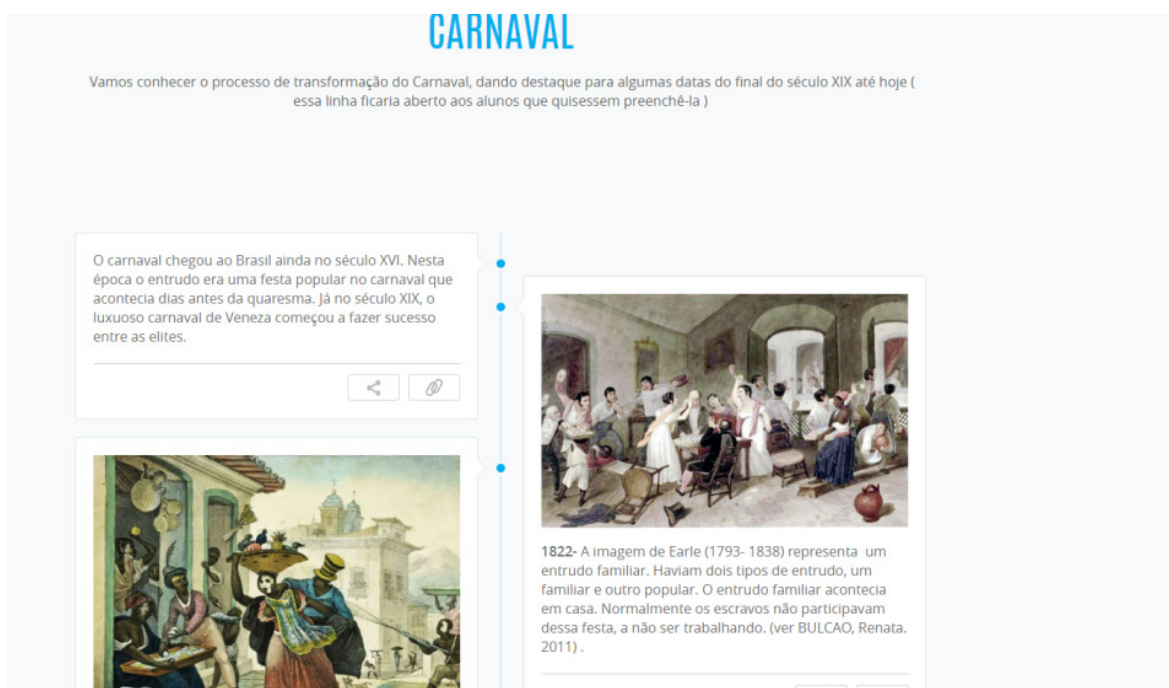


Figura 1 linha do tempo “Carnaval”, imagem de Debret e Earle

Fonte: *printscreen* da linha do tempo no *site Hstry*⁸ atualmente no domínio Sutori

Observa-se que no início da linha do tempo foram colocadas algumas imagens de pinturas e gravuras feitas por estrangeiros, exemplo do francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e o inglês Augustus Earle (1793-1838). Essas imagens às vezes estão presentes no currículo escolar da disciplina de História como expressão das missões artísticas estrangeiras, e esses pintores representaram o Brasil para o exterior no século XIX em suas pinturas. É perceptível a necessidade de mostrar os elementos das comemorações dos dias anteriores a Quaresma, principalmente com a expressão da violência em seus detalhes. A ideia foi expressar essa estranheza, usando também a citação de Debret:

⁸ Disponível em: <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> acesso em 2016 Atualmente em: <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 29/09/2018

O Carnaval no Rio e em todas as províncias do Brasil não lembra em geral nem os bailes nem os cordões barulhentos de mascarados que, na Europa, comparecem a pé ou de carro nas ruas mais frequentadas, nem às corridas de cavalos chucros tão comuns na Itália. Os únicos preparativos do carnaval brasileiro consistem na fabricação dos limões de cheiro.[...]⁹

(DEBRET *apud* TUTUI, Mariane Pimentel. Aquarelas do Brasil: Importância dos registros pictóricos de Debret, 2015)

As gravuras do século XIX que usamos foram em sua maioria do italiano Angelo Agostini. Suas ilustrações aparecem nos trabalhos de Maria Pereira Cunha¹⁰ e em base de dados pela *internet*¹¹.



1880 - No entrudo popular era comum a participação de escravos e das camadas mais baixas da sociedade. Na imagem do italiano Agostini (1843- 1910) mostra como seria essa festa tumultuada e, ao olhar europeu, diferente de qualquer outra. (ver BULCAO, Renata. 2011).



1883- Desenho de Angelo Agostini "o Carnaval de 1883 visto através da chuva" Agostini foi um dos desenhistas e pintores estrangeiros do Segundo Reinado que registraram o cotidiano das ruas.

1881- manifesto publicado na imprensa diária assinado pelas 3 principais sociedades carnavalescas (Tenentes do Diabo, Fenianos e Democráticos): "[...]o entrudo [...] seria o aniquilamento completo do Carnaval, isto é, o atraso em vez do progresso, a treva em lugar da luz, a morte substituindo a vida" (Jornal do Comércio 21 de fevereiro de 1881 *apud* BULCAO, Renata. 2011. p.149)



1882- Desenho sobre o entrudo criado por Agostini. Notamos que o balde com água era comum durante as festividades carnavalescas. O detalhe que chama atenção nesta imagem é a roupa, era comum se vestir assim durante o Carnaval?

Figura 2: Linha do tempo, gravuras de Angelo Agostini

Fonte: Printscreen da linha do tempo no *site* hstry¹² atualmente no domínio sutori

9 DEBRET *apud* TUTUI, Mariane Pimentel. Aquarelas do Brasil: Importância dos registros pictóricos de Debret Disponível em : http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Aquarelas_do_Brasil_A_importancia_dos_registros_pictoricos_de_Debret_m.pdf Acesso em 5/2016

10 CUNHA, Maria Pereira Clementina da. Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001.

11 Disponível em www.riodejaneiroaqui.com acesso em 2016

12 Disponível em : <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> acesso em 3/2016 atualmente em <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 29/09/2018

4. Qual é o conteúdo?

Em nossa pesquisa tivemos a necessidade de saber como ocorreram as principais mudanças em torno do Carnaval do século XIX até o século XXI (com lacunas), para organizá-las e transformá-la em um material didático, sem a pretensão de tratar de todos os eventos relacionados a História do Carnaval no Rio de Janeiro, que há uma participação tanto numa micro esfera, de bairros e regiões, até numa esfera macro, que estaria incluído a História do Carnaval na cidade do Rio de Janeiro, no Estado e no Brasil. Com isso, entraria nessa discussão e reflexão as teorias sobre o currículo escolar e sua seleção, já que nem todos os livros didáticos tratam sobre o Carnaval do Rio de Janeiro e sua História específica. Foi considerado aqui que o conhecimento escolar e didático diferente do conhecimento acadêmico, assim como as pesquisas da área didática com conclusões e produtos diferentes¹³. Usamos como referência bibliográfica e como fonte (fonte é entendida aqui como principal documento de consulta para este trabalho), o livro *Ecos da Folia de Maria Clementina*¹⁴, no qual a autora retrata os costumes carnavalescos predominantes na cidade do Rio de Janeiro entre 1880 e 1920. Também usamos um artigo de Renata Bucão¹⁵ como auxílio na definição de entrudo e outras especificidades que colocamos ao longo da linha do tempo, a exemplo do manifesto das sociedades carnavalescas¹⁶.

Na segunda parte do livro de Maria Cunha, que tem como título “Batalhas sem confete”, a autora mostra a vitória das Grandes Sociedades Carnavalescas sobre a “barbárie” do entrudo¹⁷, perseguido sem trégua pelas autoridades e pela imprensa. As sociedades carnavalescas que se dividiam em: O Congresso das Sumidades Carnavalescas; Sociedade União Veneziana; Luxo e falta de críticas populares. O surgimento de novas agremiações luxuosas, que tiveram destaque entre 1870 e o início do século XX foram: Tenentes do Diabo, Democráticos e Fenianos. Cunha¹⁸ lembra que as Grandes Sociedades surgiram como demanda por uma nova comemoração que previa os dias de Quaresma no calendário cristão/ católico. A intenção era copiar os carnavais europeus, principalmente o de Veneza, a partir do uso de máscaras que era, na visão dos intelectuais brasileiros, mais civilizado que o praticado no Brasil. Eram clubes carnavalescos que se reuniam, não só para comemorar o Carnaval, mas também tinham objetivos cívicos. A historiadora ressalta o Clube dos Democráticos, dos Tenentes do Diabo e dos Fenianos, pois segundo ela são os principais daquela época.

13 ARAUJO, Cinthia M. Uma outra história possível? O saber histórico escolar na perspectiva intercultural. In: Amilcar Araujo Pereira; Ana Maria Monteiro. (Org.). *Ensino de História e Culturas*. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, v. 1, p. 265-285 & MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007

14 CUNHA, Maria Pereira Clementina da *Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001.

15 BULCAO, Renata. O Carnaval Carioca e a construção de um identidade brasileira . *Textos escolhidos de cultura e arte populares* . Rio de Janeiro v8, n2 , p 143- 153 nov.2011 disponível : <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/10426/8194> acesso em 4/2016.

16 ver o link: <https://bit.ly/2Vdyh0J>. Acesso em 3/2016 atualmente em <https://bit.ly/2QaqbCb> acesso em 29/09/2018

17 Entrudo era como chamavam no século XIX as comemorações que antecediam a quaresma, que mais tarde também foi chamado de carnaval. Consistia numa atividade que envolvia os escravos e as classes mais pobres da população, que fabricavam de limões de cheiro, água, farinha e outras substancias para jogar nas pessoas que estivessem na rua, muitas vezes esses lançamentos viraram disputas e “guerras”. Com o tempo o entrudo foi sendo substituído pelas sociedades carnavalescas e os bailes com uma tentativa de imitação dos carnavais europeus. Ver mais em: <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 29/10/2018

18 CUNHA, Maria Pereira Clementina da *Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001.

Outra parte que Maria Clementina dá destaque em seu livro é o entrudo, e Renata Bucão¹⁹ ressalta a diferença entre entrudo familiar e o popular. No entrudo familiar, de acordo com a autora, as elites faziam dentro de casa com amigos e parentes, o escravo não festejava junto com eles; no entrudo popular acontecia na rua e havia uma grande quantidade de escravos e camadas mais baixas daquela sociedade, que jogavam farinha, água, limões de cheiro em quem passava. Antes não havia uma diferença entre o entrudo e o Carnaval, mas as Sociedades Carnavalescas começaram a introduzir essa diferenciação, uma seria culto e civilizado e o outro seria algo mais vulgarizado. Essas duas denominações foram usadas também para uma distinção social, já que quem era adepto ao entrudo, seriam os pobres, isto demarcava a fronteira entre dois mundos diferentes.

O Carnaval brasileiro recebeu muito da herança do Entrudo português e dos carnavais de Veneza e Nice. O Entrudo durante o século XIX sofreu intensa perseguição por parte da imprensa e das autoridades, uma vez que era considerada uma prática de caráter bárbaro e incivilizado. À medida que se condenava a realização desse movimento, as elites passavam a buscar inspiração nos carnavais considerados civilizados da Europa. De costumes europeus o Brasil se apropriou dos bailes de máscaras e do costume de comemorar a festa em quatro dias. No século XIX quando o entrudo passou a ser visto como “selvageria”, as elites brasileiras se afastaram dessa prática. Segundo Maria Clementina Cunha²⁰ o entrudo, durante muito tempo, significou o mesmo que o Carnaval: conjunto de brincadeiras e folguedos realizados quarenta dias antes da Páscoa. Somente no final do século XIX é que a palavra entrudo passou a ser utilizada pelas autoridades para nomear a brincadeira e se diferenciar.

O Carnaval é uma forma de diversão popular, mas na época, também se tornou uma forma de resistência cultural. Ela se dava por meio das pessoas que não pertenciam às elites e que continuavam a participar de tais festejos.

Fruto de um processo que tem seus primórdios ainda na segunda metade do século XIX, essa imagem homogênea do carnaval se sobrepôs a uma série de outras representações e experiências vivenciadas por aqueles que pulavam nas estreitas ruas do Rio de Janeiro. A heterogeneidade dos foliões que saudavam o carnaval marcava a própria presença de folias diversas: se todos brincavam a mesma festa, certamente construíam para ela significados radicalmente diferentes²¹

(PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O carnaval brasileiro, o vivido e o mito. 1992)

No final do século XIX e início do XX surgiram novas manifestações carnavalescas de origem popular, eram os cordões, ranchos e blocos. A população carioca crescia muito neste

19 BULCAO, Renata. O Carnaval Carioca e a construção de um identidade brasileira. Textos escolhidos de cultura e arte populares. Rio de Janeiro v8, n2, p 143- 153 nov.2011 disponível : <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/10426/8194> acesso em 4/2016.

20 CUNHA, Maria Pereira Clementina da Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001.

21 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O carnaval brasileiro, o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.p.8-29

período, pois, além da urbanização era possível encontrar um grande número de imigrantes na cidade. Essas formas de festejar era origem popular, apesar de alguns compositores das elites terem participado de muitas atividades, como Chiquinha Gonzaga, que em 1899 compôs a música “Abre-alas” para o cordão Rosa de Ouro, que foi citado na nossa linha do tempo.

E assim o Rio de Janeiro se torna um dos grandes centros disseminadores do Carnaval brasileiro. No começo do século XX, o cenário carnavalesco era nitidamente estratificado, pois cada camada social possuía a sua forma de festejar. De acordo com a socióloga Maria Izaura Pereira de Queiroz²² as Grandes Sociedades, eram organizadas pelos mais ricos, que desfilavam com enredos de crítica social e política, ao som de óperas, com luxuosas fantasias. Os ranchos que caracterizavam a pequena burguesia urbana, criados em fins do século XIX, desfilavam também com enredo, fantasias e carros alegóricos, ao som de suas marchas características. E os blocos eram os menos estruturados, abrigavam as camadas mais pobres, moradoras dos morros e subúrbios cariocas, entre as quais estavam negros e mulatos, herdeiros das tradições culturais afro-brasileiras. Os blocos e os ranchos serão assim o núcleo formador das futuras Escolas de Samba cariocas.

As Escolas de Samba surgiram na década de 1920²³ a partir da união de blocos. Aos poucos estas agremiações tomaram conta do cotidiano carioca e foram se transformando na manifestação mais aceita e popularizada. As Escolas de Samba são agremiações carnavalescas que assumiram gradativamente um papel de destaque no contexto sociocultural brasileiro. Foram consideradas como algo típico da alma nacional, incorporadas a uma herança genética que define e diferencia os brasileiros. São entendidas como a maturidade original que celebram e exprimem a imagem que nos reconcilia, acima da diversidade e das profundas desigualdades existentes no Brasil.

Maria Clementina Pereira Cunha, com o livro *Ecos da Folia*²⁴, percebe que a construção da identidade nacional, associada ao Carnaval, não é algo tão simples, mostra que este fenômeno é muito complexo. Há uma série de identidades que procuram se afirmar ao mesmo tempo e de manifestações que carregam significados diferentes. Clementina²⁵ critica a concepção em etapas de uma evolução do entrudo ao Carnaval europeu até chegar às Escolas de Samba. A autora identifica essa festa carioca como um espaço coletivo que acentua as diferenças sociais e os conflitos.²⁶ Revela as tensões e os diálogos com diferentes tradições e mostra que ao se estudar o Carnaval percebe-se o “estandarte” dos excluídos e o “enredo” das próprias contradições nacionais.

5. Reflexões sobre História Local

Para construir a linha do tempo, tendo o Carnaval como eixo temático, foi percebido que o tema, Carnaval Carioca, estava associado a noções de uma História Local. Os conceitos que envolvem essa vertente dos estudos históricos deram seus primeiros passos no início do século XX²⁷. Entretanto,

22 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Izaura. *O carnaval brasileiro, o vivido e o mito*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

23 *Idem*.

24 CUNHA, Maria Pereira Clementina da *Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001.

25 *Idem*

26 CUNHA, Maria Pereira Clementina da *Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. Companhia das Letras, 2001.

27 SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.187-198. p.187

é percebido que é pouco desenvolvida nas escolas do Rio de Janeiro, há um receio acadêmico de colocá-la em prática na sala de aula. Nesse breve espaço, será discutido questões de cunho teórico-metodológicas a respeito da História Local relacionando-as com a construção da linha do tempo e sua aplicação no cotidiano escolar.

No que concerne às experiências vividas nos estágios de Prática de Ensino da disciplina Didática Especial em História no ano de 2016, ficou claro que a História Local está pouco presente nas salas de aula. O ensino de História nas escolas ainda tem uma perspectiva europeia²⁸ reflexo do Ensino Superior. Propostas pedagógicas que se aproximam de discussões sobre História Local são pouco observadas, mesmo presentes nos Parâmetros Curriculares do Ministério da Educação. Quando trabalhada, a História Local é colocada em meio a História política do Brasil. Expõe-se esse cenário para lembrar as situações problemáticas e conflituosas relações entre os interesses dos alunos por momentos históricos distantes das realidades que os cerca. A História Local, como destaca Maria Auxiliadora Schmidt²⁹, trabalha com questões que se aproximam tanto de maneira cognitiva quanto afetiva, das vivências culturais dos estudantes³⁰.

Em vista das dificuldades e as conseqüentes particularidades de abordar uma História Local voltada para aspectos sociais e demográficos, escolheu-se trabalhar através de determinado eixo temático, como dito anteriormente, sendo que o objeto em pauta foi o Carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Nas primeiras discussões sobre qual recorte temporal adotar surgiram inúmeras dúvidas a respeito, uma vez que algumas expressões vigentes na década de 20 do século XX tinham suas origens em vocábulos da primeira metade do século XIX, como por exemplo, o termo *entrudo*³¹.

Aparentemente falar sobre Carnaval remete somente a aspectos culturais, porém quando se inclui História Local nesta linha de raciocínio ampliam-se as possibilidades de aspectos a serem tratados. Debates sobre as transformações urbanísticas, que a cidade sofrera durante os anos, podem ser trazidos para a sala de aula, tendo o Carnaval como pano de fundo (a festa na rua, essencialmente popular, transitando em diferentes pontos da cidade; a espetacularização e abertura do mercado turístico a partir da construção do Sambódromo e etc.); análises iconográficas, eixo principal da linha do tempo, permitem que os alunos compreendam as imagens, de qualquer natureza, como algo além do meramente ilustrativo, capaz de provocar distintas reações e moldar interpretações sobre determinada cidade e/ou país³².

O projeto da Linha do Tempo sobre o Carnaval tem como princípio fundamental a interatividade com os alunos, por meio da continuação da mesma. A participação direta dos estudantes permite que eles se sintam parte do processo histórico, e é neste momento que as ferramentas da História Local ficam mais evidentes,

28 Ver melhor a questão em ARAUJO, Cinthia M. Uma outra história possível? O saber histórico escolar na perspectiva intercultural. In: Amílcar Araujo Pereira; Ana Maria Monteiro. (Org.). Ensino de História e Culturas. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, v. 1, p. 265-285

29 SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.187-198.

30 *Idem* p.190

31 Para entender melhor o significado da expressão, ver o link: <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> acesso em 3/2016 atualmente em: <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 29/09/2018

32 Sobre a discussão de imagem e construção de identidades ver o artigo SHCWARCZ, Lilia Moritz. Nos anos 1930 a estetização da democracia racial: somos todos mulatos. In: Nem preto nem branco muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. -1^aEd- São Paulo: Claro Enigma, 2012, p.45-68.

levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de História em sua vida que é construída por ele mesmo e quanto tem a ver com elementos externos a ele- próximos/distantes; pessoais/estruturais; temporais/espaciais³³

(SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.2007)

As possibilidades observadas nessa última citação, com destaque para dicotomia próximos/distantes, remete aos elementos do campo da diversidade sociocultural. Este tipo de debate é importante no ambiente escolar: a compreensão de que existem outros tipos de realidades convivendo em um mesmo território, seja ele visto em larga ou reduzida escala. O problema da pluralidade está justamente na escola, onde os indivíduos perdem suas individualidades em prol do equívoco da ideia de igualdade de capacidades cognitivas.

Um dos meios de interação que a História Local proporciona diz respeito à ampliação documental, ou seja, do que pode ser considerado como fonte histórica. Como aponta Maria Auxiliadora Schmidt, os diferentes usos de arquivos pessoais.

Produzem possibilidades de construção e reconstrução das identidades relacionadas à memória religiosa, social, familiar e do trabalho; e, articulando as memórias individuais fragmentadas com a memória coletiva, esses materiais podem recriar a história de outra forma.³⁴

(SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas.2007)

Outro ponto a ser levantado aqui gira em torno da receptividade do projeto da Linha do Tempo. Teria esse tipo de atividade, que foge dos padrões tradicionais de ensino, boa receptividade dos alunos, dos pais e do corpo pedagógico de uma instituição escolar? Analisando o primeiro grupo, é possível que a receptividade seja positiva, uma vez que vivemos em uma sociedade que grande parte da população está imersa nas redes sociais, a barreira que pode existir seria usar recursos digitais com turmas em que os alunos não têm familiaridade com tais ferramentas *online*. E por se tratar de uma linha do tempo *online*, os alunos teriam que ter acesso à *Internet*, o que, em muitos casos, não é possível.

33 SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.187-198. p.190

34 SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007 p.193

Outro problema pode vir da própria escola. Quando se propõe uma atividade *online*, essa tarefa ultrapassa a instituição física da escola, isso pode ser considerado de maneira negativa? A escola perderia o controle sobre atividades *online*, onde é fora dos seus muros?

Muitas dificuldades são percebidas em relação à pesquisa dos *sites*, a primeira delas em relação ao idioma, o qual predominava o inglês. A seguir vai ser citado os *sites* que mais houve contato e seus recursos e problemas.

6. Plataformas de “linhas do tempo” pesquisadas

Nos sites pesquisados que estão listados abaixo, é destacado algumas características, foi avaliado os seguintes itens: idioma (é possível notar que em sua maioria estão no idioma inglês com ou sem possibilidade de tradução oferecida pelo próprio site. Nas anotações a seguir o que não foi mencionado sobre o idioma é porque foi encontrado somente em inglês); simultaneidade (sobre a organização de representar o tempo); cooperação; disponibilidade (se o serviço é pago ou gratuito) e interação com outras plataformas midiáticas (fotos, vídeos, áudio e imagem). O que não foi dito sobre o item é porque não houve problema sobre, ou não houve a possibilidade de avaliar (se a plataforma era paga, não poderia haver uma pesquisa profunda sobre ela de forma gratuita).

- Myhistro.com³⁵ é possível configurar para o português de Portugal, mas a tradução é uma ferramenta nova no *site*, há palavras que se misturavam com o inglês. Possui uma noção de simultaneidade muito útil, podem-se colocar anos, períodos, décadas e dentro das décadas anos e dias, e isso é da escolha do usuário. Há uma noção de cooperação no *site*, é possível cadastrar coautores, tem como colocar para público, privado ou amigos para visualizar e adicionar pessoas como em uma rede social. A ferramenta é gratuita, há a possibilidade de colocar vídeos do *Youtube* e uso de mapas, mas há um *bug* na hora de carregar fotos³⁶.

- Preceden.com³⁷: é possível elaborar linhas do tempo, mas o serviço é cobrado em forma de diferentes planos. A plataforma fornece a cooperação, o compartilhamento, tem uma boa noção de tempo simultâneo. Mas tem essa grande limitação pela cobrança de sua utilização.

- Timeglider.com³⁸: O *site* exige uma data muito específica de dia, mês e ano, mas permite a inclusão de vídeos, áudio e *links*. E mostra acontecimentos simultâneos de uma forma clara e organizada. Para fazer o cadastro é preciso escolher entre alguns planos: Gratuito (para estudante), básico (para professores e outros públicos) com um valor a ser pago e o grupo (para escolas, empreendimentos) que ficaria mais caro pela cooperação. No plano grátis há como fazer até três linhas do tempo e só um usuário é poderia utilizar.

35 Disponível em: <http://www.myhistro.com/> Acesso em 29/09/2018.

36 Ver melhor a descrição do bug em: <https://www.facebook.com/myHistro> Acesso em 29/09/2018.

37 https://www.preceden.com/?utm_source=timerime&utm_campaign=homepage acesso em 29/09/2018

38 Disponível em: <https://timeglider.com/> Acesso em 29/09/2018.

■ Timetoast.com³⁹: O *site* trabalha com uma ideia de pontos numa linha de tempo. Esses pontos à medida que passamos o mouse aparecem as informações daquele local no tempo, a forma como a simultaneidade pode ser trabalhada é instigante. No entanto, não tem como colocar vídeo (a não ser o *link*, mas redirecionaria ao *site*, caso fosse o *Youtube*), não tem como colocar áudio mp3, e também requer dia e mês (isso pode ser ocultado). O *site* permite colocar privado e público, mas a cooperação somente pode ser usada pelo perfil básico (que é pago).

■ Historypin.org⁴⁰: Nesse *site* a linha do tempo não fica privada. O processo de criação fica automaticamente compartilhado para toda a comunidade do *site*. Mas a plataforma usa mapas e imagens (coleções de imagens também). E pretende estimular a cooperação de histórias locais a partir dos mapas. O tempo simultâneo pode ser usado de uma forma variada na construção da linha do tempo, por meio das coleções (de imagens, vídeos e áudios) e acontecimentos que podem ser colocados na mesma data (a data pode ser específica ou não).

■ Hstry.co⁴¹ ou sutori⁴²: Optamos por esse *site* para nosso trabalho. É uma ferramenta interessante de linha do tempo, em que o professor e os alunos se cadastram ao mesmo tempo. A plataforma Hstry também possibilitava que os alunos participassem mais da construção da linha do tempo junto com o professor. Sendo assim, com a intenção de ser destinado ao ensino da História.⁴³ Além disso, é possível colocar imagens, vídeos e áudio. Recentemente, a sua versão beta conhecida como hstry mudou para o domínio de sutori⁴⁴ do mesmo desenvolvedor⁴⁵. A ferramenta permanece gratuita.

A escola do *site* foi por suportar músicas e vídeos do *Youtube*, ampliando os tipos de arquivos que podiam ser usados. Porém, também foi encontrado algumas dificuldades nesta plataforma, por exemplo, não ser possível colocar um mesmo arquivo no mesmo ponto, ou seja, numa mesma representação gráfica de tempo a simultaneidade ficou comprometida.

Uma das soluções foi fazer um arquivo contendo mais de uma imagem para ser mostrado. Como mostra na figura abaixo (Figura 3): do lado esquerdo vemos uma imagem com duas fontes, uma ilustração de uma revista e uma foto da avenida Central, atual Rio Branco no Centro da cidade, e dois pequenos textos explicativos com as suas referidas legendas.

39 Disponível em: <https://www.timetoast.com/> Acesso em 29/09/2018.

40 Disponível em: <https://www.historypin.org/en/> Acesso em fevereiro de 2016.

41 Antigo domínio não disponível: <https://www.hstry.co/>

42 <https://www.sutori.com/> acesso em 29/09/2018

43 Ver mais em <https://www.sutori.com/about> acesso em 29/09/2018

44 <https://www.sutori.com/> acesso em 29/09/2018

45 Thomas Ketchel, um dos seus criadores, diz que “nossos estudantes são muito guiados por smartphones. Eles precisam de habilidades do século XXI agora. Essas habilidades do século XXI são sobre capacidades cognitivas, inovação e reconhecimento” Tradução nossa. Ketchel, Thomas. Teaching history in the 21st century : Thomas Ketchell at TEDxLiege . Vídeo (9:00 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8eIvGtn1NAU> Acesso em 30/09/2018



Figura 3 montagem das imagens em um único arquivo

Fonte: *Printscreen* do antigo *site hstry*, linha do tempo Carnaval

Foi pensada também a elaboração de *slides*, mas a plataforma não suportava esse tipo de arquivo (que seria o *.ppt*), então a solução encontrada, foi fazer vídeos em formato do *Youtube* na linha do tempo. Além disso, era difícil adicionar arquivos e depois os mover ao longo da linha, o *layout* (aparência) não é organizado. Na imagem abaixo é possível visualizar a linha e os pontos, o espaço entre um ponto e outro não tem relação com a representação de uma quantidade de tempo, é mais uma simples relação sequencial de antes e depois.

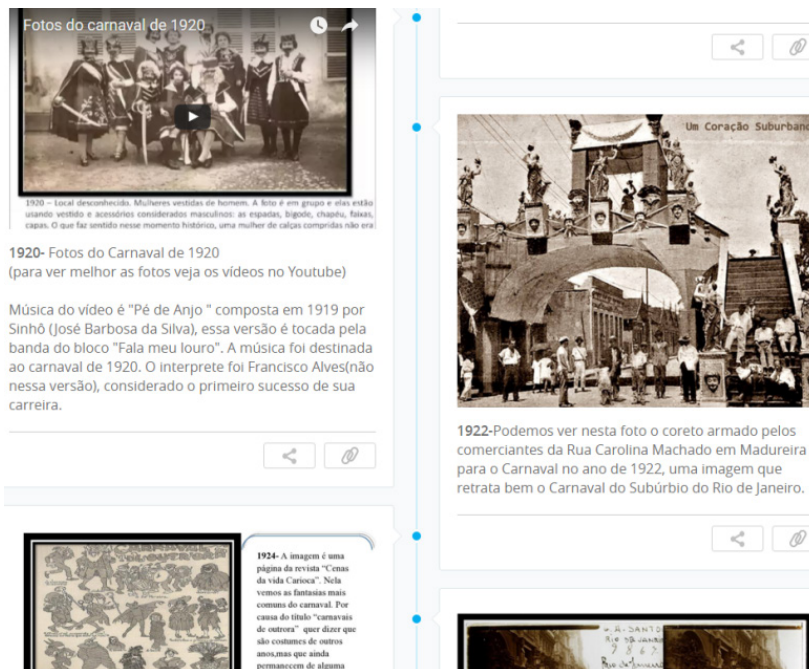


Figura 4 Exemplo do visual da hstry

Fonte: *Printscreen* do *site hstry*, linha do tempo Carnaval⁴⁶

⁴⁶ *Printscreen* do antigo *site* <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> atual <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 30/09/2018

Os vídeos que não foram feitos usando as imagens e fotos do cotidiano da época, foram dos trechos do filme *Garota Enxuta* em 1959 de Hebert Richers, *Banana da terra* em 1939 por Wallace Downey, trecho do episódio 12 do desenho *Tom and Jerry* de Hannah e Barbera em 1943. Resumidamente esses trechos demonstram o alcance do Carnaval carioca por sua música e cultura internacionalmente ou dentro da classificação identitária de festas brasileiras.

Sobre as músicas foram selecionadas aquelas que tiveram repercussão nacional e muitas vezes internacionalmente, como a *Mamãe Eu Quero* de 1937 com a intérprete Carmen Miranda, por serem conhecidas ainda nos carnavais mais recentes, e também as que estivessem ligadas com algum acontecimento significativo, por exemplo, a música *O Abre Alas* sendo considerada a primeira marchinha carnavalesca. Além dessas, selecionamos *Pé de anjo* composta por José Barbosa da Silva, conhecido por Sinhô, em torno de 1919, porque a versão selecionada provavelmente é um trecho do áudio original do disco recuperado por meios digitais, do bloco *Fala meu louro* que tocou no ano de 1920, uma interessante fonte desse contexto na sala de aula. A década de 1930 há muitas músicas compostas que ficaram conhecidas ainda atualmente, *Tai* de Joubert de Carvalho de 1930; *Tico Tico no fubá* de José Gomes de Abreu em 1931; *Cidade Maravilhosa* de 1934 por André Filho, que tiveram uma importância individual na História do Samba e da Música brasileira. Foram colocadas na linha do tempo sem a pretensão de representação de todas as músicas, sambas e marchinhas que existiram até hoje, mas foi deixado o espaço para que fossem adicionadas pelos possíveis alunos e professores que utilizassem essa ideia.

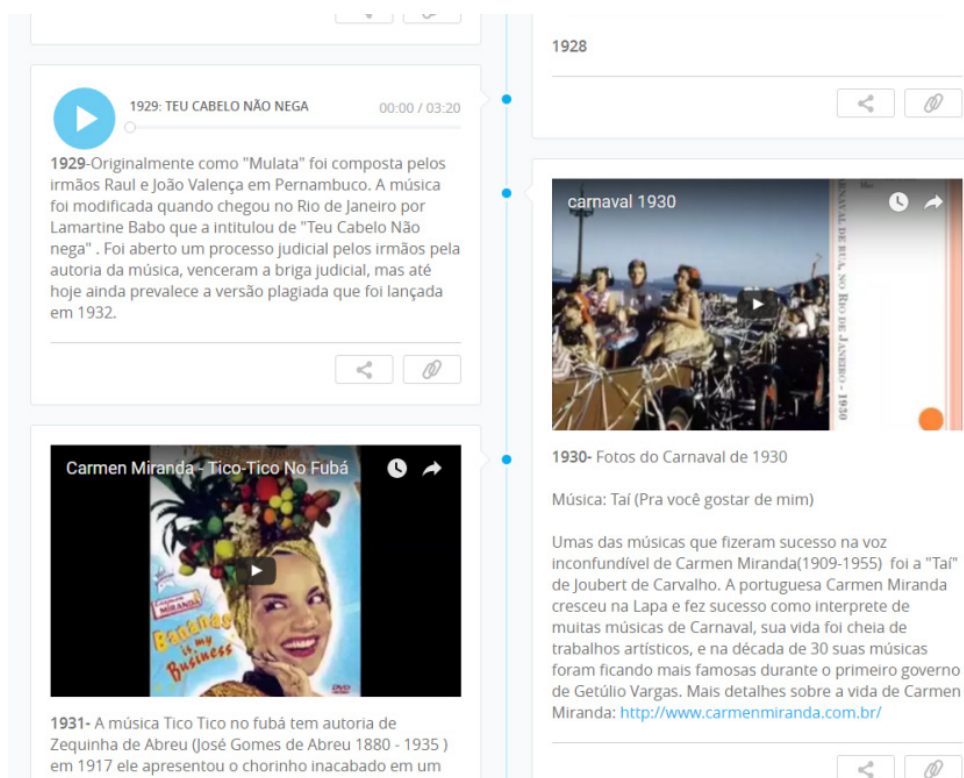


Figura 5 Exemplo de como dispomos as músicas e vídeos

Fonte: *Printscreen* da linha do tempo da hstry “Carnaval”⁴⁷

47 *Printscreen* do antigo domínio: <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> acesso em 3/2016 atual: <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 30/09/2018

Foram colocadas também imagens e músicas do Carnaval de 2016, que seria o local ou o ponto na linha do tempo reservada para “o carnaval atual”, foi escolhido esse ano, porque foi o ano que a linha do tempo foi elaborada. Contudo, se a ideia fosse refeita no ano corrente seria o carnaval do ano. Escolhemos o samba-enredo da GRES Estação Primeira de Mangueira, *Maria Bethânia: A menina dos olhos de Oyá* composição de 2015 para o Carnaval de 2016, a vencedora do Grupo Especial do Carnaval de 2016 no Rio de Janeiro, com imagens de blocos de rua famosos. Essa diferença entre as datas, além da interação de completar as lacunas pelos supostos alunos, seria um exemplo para que os mesmos contribuíssem com suas próprias fotos e vídeos dos seus carnavais recentes, blocos de ruas e fantasias, sendo percebidos e reconhecidos como agentes históricos.



1959 - trecho do filme: "Garota Enxuta" dirigido por J.B.Tanko e com produção da Herbert Richers com a música "Mamãe eu quero", depois de tempos a música ainda fazia parte do carnaval carioca. No filme uma das falas de uma personagem dizia que não queria estar no Carnaval do Rio "detesto Carnaval, brincadeira de gatinha".

1984 - inauguração do Sambódromo situada na Avenida Marques da Sapucaí, data em que a escola de samba Mangueira foi eleita campeã. A construção do Sambódromo marcou mais uma tentativa de tirar o Carnaval popular da rua e transportá-lo para uma versão mais restrita e organizada para apresentar ao exterior.

2015- Carnaval nos dias atuais: Carnaval na Av. Rio Branco. Podemos perceber o que mudou e o que continuou no Carnaval do Rio de Janeiro: uma dessas mudanças foi o aspecto da avenida Rio Branco, não só a arquitetura dos prédios, as instalações elétricas, os postes, mas a quantidade de pessoas no Carnaval.

2016-[clique no vídeo para ver as fotos] Fotos do carnaval atual com a música Enredo: "Maria Bethânia: A menina dos olhos de Oyá" Compositores: Alemão do Cavaco, Almyr, Cadu, Lacyr D Mangueira, Paulinho Bandolim e Renan Brandão. composição de 2015 para o carnaval 2016. A escola de samba Mangueira foi campeã do carnaval 2016 com esse tema.

Figura 6 “Carnaval atual”

Fonte: *Printscreen* da linha do tempo da hstry”Carnaval”⁴⁸

7. Considerações finais

O objetivo neste artigo foi discutir a proposta de construir uma Linha do tempo que dialogasse com recursos da História local, principalmente em relação a História do Rio de Janeiro. Assim como qualquer outro projeto pedagógico que fuja da sala de aula e do livro didático, necessita de um esforço maior que envolva toda a comunidade escolar, e possui desafios (no caso tecnológicos) que precisam ser enfrentados. Há um novo momento em que a cultura digital está aumentando, há um novo tipo de aprendizado autônomo por conta das mídias digitais. É esperado que as discussões iniciadas aqui sirvam para a posteridade, e que as ideias sobre novos recursos didáticos saiam do papel e se tornem reais.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Cinthia M. Uma outra história possível? O saber histórico escolar na perspectiva intercultural. In: Amílcar Araujo Pereira; Ana Maria Monteiro. (Org.). Ensino de História e Culturas. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013, v. 1, p. 265-285

BULCAO, Renata. O Carnaval Carioca e a construção de um identidade brasileira . Textos escolhidos de cultura e arte populares . Rio de Janeiro v8, n2 , p 143- 153 nov.2011 disponível : <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/viewFile/10426/8194> acesso em 4/2016.

CUNHA, Maria Pereira Clementina da Ecos da Folia, uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920. Companhia das Letras, 2001.

DEBRET apud TUTUI, Mariane Pimentel. Aquarelas do Brasil: Importância dos registros pictóricos de Debret Disponível em : http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Aquarelas_do_Brasil_A_importancia_dos_registros_pictoricos_de_Debret_m.pdf Acesso em 5/2016

HARTOG, François. Prefácio – presentismo pleno ou padrão? In: Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Ketchel, Thomas. Teaching history in the 21st century : Thomas Ketchell at TEDxLieve . Vídeo (9:00 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8eIvGtn1NAU> Acesso em 5/2016

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. O carnaval brasileiro, o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1992.p.8-29

SCHMIDT, M^a Auxiliadora. O ensino de História local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, A.M., GASPARELLO, A.; MAGALHÃES, M. (Org.). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p.187-198.

SHCWARCZ, Lilia Moritz. Nos anos 1930 a estetização da democracia racial: somos todos mulatos. In: Nem preto nem branco muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. -1^aEd- São Paulo: Claro Enigma, 2012, p.45-68.

TURAZZI, M. Inez e GABRIEL, Carmen Teresa. O fio e a trama: os tempos da História. In: TURAZZI, M. Inez e GABRIEL, Carmen Teresa. O tempo e a História. São Paulo: Ed.Moderna, 2000, p. 34-64

Fotos da linha do tempo: www.riodejaneiroaqui.com acesso em 2016

Linha do tempo: Disponível em <https://www.sutori.com/story/carnaval> acesso em 30/09/2018 Não disponível em: <https://www.hstry.co/timelines/carnaval> acesso em 3/2016

Disponível em: <https://www.preceden.com/> acesso em 30/09/2018

Disponível em: <http://www.myhistro.com/> Acesso setembro de 2018.

Disponível em: <https://timeglider.com/> Acesso setembro de 2018.

Disponível em: <https://www.facebook.com/myHistro> Acesso em fevereiro de 2016.

Disponível em: <https://www.historypin.org/en/> Acesso em setembro de 2018.

Disponível em: <https://www.timetoast.com/> Acesso em setembro de 2018.

Não disponível: <https://www.hstry.co/> Acesso em fevereiro de 2016.

Atual: <https://www.sutori.com/> acesso em 30/09/2018